

**ENTRE O POPULAR E O POPULISTA:
OS EFEITOS DE PATEMIZAÇÃO
EM NOTÍCIAS JORNALÍSTICAS**

Caroline Lourenço Monteiro (UFF)

monteirocaroline@hotmail.com

Patrícia Ferreira Neves Ribeiro (UFF)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar quais são os lugares de inscrição do *pathos* em notícias da mídia impressa e como ele contribui para os efeitos possíveis de sentido. Para isso, utilizaremos um *corpus* composto por notícias publicadas no mesmo dia, sobre o mesmo assunto, em dois jornais que circulam no estado do Rio de Janeiro: *O Globo*, voltado a um público culto, e o *Meia Hora*, voltado a um público popular. Baseados nos pressupostos teóricos da semiolinguística, de Patrick Charaudeau, especialmente no que concerne à teoria da enunciação e ao contrato de comunicação midiático, procuraremos identificar quais são as estratégias utilizadas por cada veículo de comunicação a fim de atingir o interlocutor e, consequentemente, ter sucesso nas vendas, sem perder, contudo, o objetivo maior, que é o de levar a informação. Além disso, também observaremos a maneira pela qual essas estratégias interferem na construção do sentido, o qual se dá através da interação entre os quatro sujeitos que compõem o ato de linguagem.

Palavras-chave: Popular. Populista. Patemização. Notícias jornalísticas. *Pathos*.

1. Considerações iniciais

Neste trabalho, analisaremos como as emoções se fazem presentes num tipo de discurso que nos é apresentado como imparcial e objetivo: o discurso jornalístico. Para isso, escolhemos uma notícia sobre um mesmo fato, veiculada em dois periódicos que circulam no estado do Rio de Janeiro: *O Globo*, voltado a um público culto; e o *Meia Hora*, voltado a um público mais popular.

Dessa forma, observaremos o potencial patêmico existente nas estratégias discursivas utilizadas por cada veículo de comunicação e como a patemização contribui para a construção do sentido. Contudo, faz-se necessário que abordemos um pouco de referencial teórico que embasa esta pesquisa.

2. A teoria semiolinguística e o contrato de comunicação midiático

Para a abordagem dos pressupostos que norteiam a teoria de análise do discurso de Patrick Charaudeau, é interessante que iniciemos examinando o próprio nome empregado para designar essa corrente de estudos: semiolinguística. A primeira parte, *semio-*, vem do grego *semiosis*, configurando que a construção do sentido se dá através de uma relação forma/sentido. A segunda parte, *-linguística*, aponta para o fato de que as línguas naturais são a matéria principal da forma citada, ou seja, é sobre o material linguageiro que incide a pesquisa.

No âmbito dessa teoria de análise do discurso, impõe-se um processo de *semiotização do mundo*, composto por um processo de transformação e outro de transação. O processo de transformação transforma o “mundo a significar” em “mundo significado” por um sujeito falante e compreende quatro tipos de operação: identificação, qualificação, ação e causação. Já o processo de transação faz do “mundo significado” um objeto de troca linguageira entre os participantes da interação e se realiza de acordo com quatro princípios: de alteridade, de pertinência, de influência e de regulação. Pelo fato de determinar as escolhas linguísticas, o processo de transação comanda o de transformação.

É preciso deixar claro, sobretudo, que, no âmbito da Semiolinguística, a construção do sentido se dará através de sujeitos movidos por determinadas intenções comunicativas e inseridos num mundo social. Tendo como exemplo o enunciado *Ele ainda não sabe dar o troco*, percebemos que, se fosse proferido por uma mulher que fala sobre o que o filho aprendeu em uma aula de matemática, significaria que a criança ainda não aprendeu todas as operações. Mas se fosse essa mesma mãe falando sobre o fato de o filho ter apanhado na escola e não ter batido também, significaria que a criança ainda não aprendeu a revidar determinadas ações. Dessa forma, parece claro como a construção do sentido depende do dispositivo comunicativo, articulando o implícito e o explícito, o discursivo e o situacional, assim como dos sujeitos que enunciam, já que esse efeito de sentido é fruto da interação entre esses sujeitos.

Os sentidos também não dependem exclusivamente de um sujeito, mas sim de todos os sujeitos que fazem parte de um ato de linguagem, já que esses sentidos são construídos tanto na produção quanto na recepção de qualquer enunciação. Isso faz com que todo ato de linguagem seja uma aposta, na qual o locutor deseja que o interlocutor encontre nos enunciados muitos mais do que apenas o sentido literal de palavras postas lado a lado, pois, segundo Charaudeau (1999, p. 30), os enunciados não significam em si mesmos, só quando são colocados num determinado espaço de condicionamento.

Em novembro de 2008, o jornal *Meia Hora* publicou uma notícia cuja manchete foi alvo de muitos comentários: *Fábio Assunção dá um tempo na carreira. Ator abandona Negócio da China para cuidar da saúde*. Um interlocutor poderia entender a mensagem apenas com o sentido de que o ator estaria doente e deixou a carreira na novela para se tratar. Contudo, o sentido ampliado, o de que o ator abandonou a novela por problemas de saúde ligados a envolvimento com drogas, e que o vocábulo *carreira* faz alusão a uma carreira de cocaína, só seria entendido se o interlocutor fosse além do sentido linguístico proposto e chegasse ao sentido de discurso.

Esse exemplo, ao construir o texto brincando com os sentidos que podem ser atribuídos à palavra “carreira”, ilustra bem a noção de que a linguagem é um objeto não transparente e que o processo de comunicação não é o resultado de uma única intencionalidade, mas sim da relação entre os parceiros da troca linguageira. Dessa forma, para Charaudeau, o ato de linguagem não esgota sua significação em sua forma explícita, pois se trata de um objeto duplo, constituído de um explícito e de um implícito.

Extraí-se daqui uma diferença importante para a semiolinguística, entre o sentido de língua e o sentido de discurso. Como pudemos observar, o sentido de língua se constrói por meio de signos, nos quais associamos significantes e significados. Já o sentido de discurso não pode ser construído como se cada signo tivesse um valor absoluto, é preciso articulá-lo com outros signos e com o espaço de condicionamento do ato da linguagem.

Também é importante mencionar que todo ato de linguagem é, segundo Charaudeau (2012b, p. 45), é um ato interenunciativo entre dois tipos de sujeitos: os sujeitos, chamados de EUE – EU enunciador – e TUD – TU destinatário –, que assumem a instância da produção e são abstra-

ções; e os parceiros, chamados de EUc – EU comunicante – e TUi – TU interpretante –, seres do mundo real, ligados em uma relação contratual.

O EU comunicante é quem inicia o processo de produção, comandando, no quadro do fazer, a encenação. Já o EU enunciador define-se como ser de fala da encenação do dizer; é a imagem construída pelo EUc, na qual estará presente toda a sua intencionalidade comunicativa, é um ser que só existe devido ao ato de linguagem.

O TU destinatário é também definido como ser de fala da encenação do dizer; o sujeito imaginado pelo EUc como o ideal, e interpretado assim pelo TUi. O TU interpretante existe independentemente dos outros sujeitos; é o responsável pela iniciativa do processo de interpretação.

No espaço interno, temos o mundo discursivo, onde se encontram os seres da fala e onde se apresenta a *mise en scène* – a encenação do ato de linguagem, no sentido literal do termo – enquanto, no espaço externo, temos o mundo situacional, onde se encontram os seres agentes e onde circulam saberes ligados ao psicossocial.

Também cabe evidenciar que todo ato de linguagem é uma aposta, portanto, nem sempre terá, necessariamente, sua finalidade comunicativa alcançada. Essa aposta de uma comunicação bem sucedida estabelecida entre os quatro sujeitos se constrói sob o comando de um contrato comunicativo. Esse contrato depende, segundo Charaudeau (1996, p. 35), de três componentes: o comunicacional, que analisa o quadro físico do ato linguageiro; o psicossocial ou situacional, que diz respeito às impressões que os parceiros têm uns em relação aos outros; e o intencional ou discursivo, que se refere ao “conhecimento” que os parceiros têm uns dos outros, levando em conta os imaginários culturais e os saberes compartilhados entre eles.

E sobredeterminada pelo contrato de comunicação que se constrói a *mise en scène*. Todo ato de linguagem tem uma faceta teatral que nos ajuda a viver em sociedade, pois, em diversos momentos do nosso dia a dia, temos que colocar nossas máscaras para que possamos conviver da melhor maneira nas mais diversas situações de troca linguageira – segundo diferentes relações contratuais – a que somos expostos. Por exemplo, um advogado, ao defender a empresa para a qual presta serviços, assume uma máscara e uma posição na encenação do Dizer que talvez chegue a ir contra a ideologia de seu EUc.

No que concerne ao contrato de comunicação midiático vale salientar a particularidade apontada por Charaudeau (2012b, p. 72): o duplo papel assumido pela instância de produção: “de fornecedor da informação, pois deve fazer saber, e de propulsor do desejo de consumir as informações, pois deve captar seu público”. É bom ressaltar o fato que essa instância de produção não é representada por apenas um jornalista. Ele é, obviamente, a figura mais importante, mas não se pode deixar de levar em conta os outros “atores” da enunciação, como os redatores, operadores e técnicos.

Nesse ato de linguagem no qual a mídia impressa se insere, os receptores não estão presentes fisicamente na relação de troca (CHARAUDEAU, 2012b, p. 79), por isso a instância de produção é obrigada a fazer uma previsão, considerando o público como destinatário-alvo (ideal) ou como receptor-público (real).

Os objetivos do contrato midiático são ter credibilidade e atingir o maior público possível, mas, conciliá-los não é tarefa fácil, na medida em que, se o jornal priorizar somente a informação, será credível, mas se distanciará do grande público e se priorizar a captação das massas, pode exagerar na espetacularização e se distanciar da credibilidade. Portanto, o grande desafio das mídias é transitar entre a credibilidade e a captação priorizando sempre a informação.

3. *As emoções no discurso*

Trataremos aqui das emoções numa abordagem discursiva, baseado nos pressupostos de Charaudeau (2010), focalizando nossos estudos, não nas emoções efetivamente sentidas pelos sujeitos, mas sim nas emoções das quais a linguagem pode ser portadora. Vale ressaltar que os signos linguísticos isolados não garantem a construção da emoção, ela só será construída a partir de um discurso, numa situação de troca linguageira entre os sujeitos que compõem o ato de fala.

Charaudeau (2010) destaca três questões que julga serem fundamentais para uma abordagem discursiva da emoção: as emoções são de ordem intencional, pois se inscrevem num quadro de racionalidade que está ligado à intencionalidade dos sujeitos; estão ligadas a saberes de crença, pelo fato de estarem associadas a conhecimentos e julgamentos subjetivos dos sujeitos; e se inscrevem dentro de uma problemática das representações psicossociais, já que as emoções podem ser definidas co-

mo estados mentais intencionais que se apoiam em crenças, fazendo com que a questão da representação sociodiscursiva também esteja presente.

Destacamos, ainda, que pelo fato de que a análise do discurso não ter meios para que a análise das emoções sentidas pelos sujeitos seja feita, o estudo das emoções se concentrará nos efeitos visados, já que não há garantia de que esses efeitos sejam efetivamente produzidos. Por isso, Charaudeau adota o termo “patemização” no lugar de emoção, afastando-se de uma análise psicológica ou sociológica das emoções e se concentrando na abordagem dos efeitos patêmicos possíveis do discurso.

Nesse sentido, uma análise dos efeitos de patemização de qualquer enunciado estará intrinsecamente ligado à situação sociocultural na qual se inscreve a troca comunicativa. Por exemplo, uma notícia que relate a escravidão de negros nos dias de hoje poderá produzir efeitos patêmicos diferentes: na África, devido a todo o histórico de escravidão, poderá desencadear um efeito patêmico mais forte do que na Europa.

Charaudeau (2010) aponta que os efeitos patêmicos podem ser alcançados tanto pelo discurso explícito e direto, a partir do uso de determinadas palavras, como também pelo discurso implícito e indireto, a partir do uso de palavras que pareçam neutras. A partir daí três problemas são destacados pelo autor:

- 1) há palavras que descrevem emoções, como “cólera”, “angústia”, “indignação” etc., mas isso não é garantia de que o sujeito, ao utilizá-las, sentirá tais emoções, e nem de que seu uso irá produzir um efeito patêmico no interlocutor;
- 2) existem palavras que não descrevem emoções, mas pode desencadear-las, como “assassinato”, “vítimas”, “manifestação” etc. e, além disso, também haverá influência da orientação argumentativa, como nos mostra a teoria dos *topoi*, de Ducrot, de acordo com o contexto em que tais palavras sejam empregadas;
- 3) há enunciados que não permitem palavras patemizantes, mas que podem produzir efeitos patêmicos de acordo com o conhecimento que se tem da situação de comunicação.

Charaudeau afirma, ainda, qualquer estudo dos efeitos patêmicos deve se apoiar em três condições:

- 1) que o discurso produzido se inscreva em um dispositivo comunicativo (...)

- 2) que o campo temático sobre o qual se apoia o dispositivo comunicativo (o propósito relativo aos acontecimentos) preveja a existência de um universo de patemização e proponha certa organização das tópicas (imaginários sociodiscursivos) susceptíveis de produzir tal efeito. (...)
- 3) que no espaço da estratégia deixado disponível pelas restrições do dispositivo comunicativo, a instância de enunciação se valha da *mise en scène* discursiva com visada patemizante. (CHARAUDEAU, 2012, p. 39 e 40)

No caso do discurso jornalístico, a instância de produção utiliza algumas estratégias na tentativa de incitar determinada emoção que, por muitas vezes, rompem com a ideia de que esse tipo de discurso é neutro e objetivo. É bastante comum que isso ocorra, principalmente nos jornais ditos populares, mas que poderiam receber o adjetivo de populista, na medida em que acaba transformando o jornal em um espaço de dramatização na tentativa de tornar uma notícia mais atraente.

Isso fica evidente no exemplo a seguir: em 01 de dezembro de 2011, o jornal *Meia Hora* apresentou a manchete “Luan Santana é morto a tiros” para a notícia que relatava o assassinato de um homem, no estado do Paraná. É notório que a intenção do jornal era provocar o desespero do interlocutor, fazendo-o pensar que o homem assassinado era o famoso cantor, quando na verdade a vítima era um cidadão desconhecido da maioria, apenas um homônimo da celebridade.

4. *Análise*

Os textos selecionados serão analisados através da observação dos efeitos de patemização, segundo as categorias abaixo, modelo proposto por Emediato (2007)

4.1. A emoção e a tematização

Apesar de os dois jornais noticiarem o mesmo fato, observamos que cada um focalizou uma tematização diferente e isso pode ser percebido logo após a leitura das titulagens. A manchete do jornal *O Globo* “Perigo clandestino”, seguida do subtítulo “Explosão em depósito de combustível ilegal em Caxias mata um e fere sete”, deixa claro a opção do jornal em chamar a atenção do leitor para o fato de o depósito de combustível estar em situação irregular, o que, provavelmente, colaborou para que o incêndio ocorresse.

A manchete do jornal *Meia Hora* “Incêndio sinistro mata um e deixa oito feridos”, seguida do subtítulo “Vizinhos de distribuidora de combustíveis tiveram que deixar suas residências às pressas”, opta em valorizar a tragédia, evidenciando as vítimas e as pessoas que ficaram desabrigadas.

Dessa forma, o objeto indutor da emoção é o próprio objeto temático, pois, a partir das escolhas feitas por cada jornal percebemos a intencionalidade patêmica de cada objeto: o de *O Globo* leva o leitor a sentir-se indignado pelo fato de a lei não estar sendo cumprida e existirem empresas na clandestinidade; o do *Meia Hora* causa no leitor a sensação de medo por não saber a causa do incêndio e de compaixão pelas vítimas e pelos desabrigados.

4.2. A emoção pela problematização

Podemos destacar alguns pontos que ocupariam a dimensão patêmica no processo de problematização. A notícia dada pelo jornal *O Globo*, já a partir da rubrica “Às margens da lei”, deseja acionar o leitor enquanto cidadão a sentir-se indignado por ainda existir clandestinidade dentro de uma sociedade com leis a serem cumpridas, o que também é reforçado pelo título “Perigo Clandestino”. É importante notar que o leitor só saberá que ocorreu um incêndio, com uma vítima fatal e outros feridos, após a leitura do subtítulo, mas que a clandestinidade continua reforçada através do uso do adjetivo “ilegal” para qualificar o substantivo “depósito”.

Já a notícia dada pelo jornal *Meia Hora*, a partir da rubrica “Cem casas são interditadas em Caxias”, chama atenção para o fato de que há, provavelmente pessoas desabrigadas pelas quais o leitor deve sentir compaixão. O título “Incêndio sinistro mata um e deixa oito feridos” continua provocando a compaixão do leitor, agora pela vítima fatal e pelos demais que ficaram feridos, mas, além disso, ao qualificar o incêndio como “sinistro”, leva o leitor a problematizar que o fogo foi causado por alguma força sobrenatural, alguma fatalidade, suscitando, assim, o sentimento de medo no leitor.

4.3. A emoção pela modalização enunciativa

Na titulação dos dois periódicos observamos a predileção pelo comportamento delocutivo, no qual o locutor se apaga, enunciando um texto aparentemente objetivo. No título da notícia de *O Globo* percebemos enunciados realmente objetivos, contudo, no título do *Meia Hora*, é visível como o uso do adjetivo “sinistro” quebra a delocução, e, assim, notamos a presença da opinião assumida pelo enunciador, dando ao enunciado um potencial patêmico.

Ao longo da notícia publicada em *O Globo*, notamos a manutenção do comportamento delocutivo através de asserções que demonstram certeza na maior parte do texto, como em “Um incêndio de grandes proporções deixou na quinta-feira sete pessoas feridas e provocou a morte de Gelson da Silva Ferreira”. A presença de asserções de probabilidade como “podem existir entre 20 e 30 depósitos de combustível irregulares” contribuem para o apagamento do enunciador e para que o periódico tenha credibilidade junto ao público. Outro fator que colabora para a construção de um discurso marcado pelo delocução é a presença do discurso relatado, muito presente ao longo do texto.

Assim como Emediato (2007) aponta, pensamos que o potencial patêmico do discurso jornalístico marcado pela delocução também está associado ao seu potencial problematizador.

Entretanto, é possível observar a presença de uma expressão “revelou um *absurdo*”, marcada pela subjetividade, revelando a opinião do enunciador em relação à existência de muitos depósitos de combustíveis clandestinos e corroborando para provocar no leitor o efeito patêmico de indignação e revolta.

A notícia do jornal *Meia Hora* também opta pelo comportamento delocutivo através de asserções de certeza em todo o texto e também pela presença do discurso relatado. Um discurso relatado, em especial, reforça o potencial patêmico da notícia e colabora para provocar o medo no leitor: “O estudante Bruno Vitor de Souza, de 17 anos, relatou os momentos de agonia dos moradores. “Só vi bombeiros correndo e gritando ‘sai, sai, que vai explodir tudo!’”, contou ele”.

4.4. A emoção e a descrição

Ao analisarmos a relação entre descrição e patemização, podemos apontar que as qualificações axiológicas ou afetivas contêm efeitos patêmicos bastante perceptíveis.

Como já analisamos no tópico anterior, podemos observar grandes diferenças entre as qualificações feitas pelos dois jornais já na titulação: em *O Globo*, o uso de “Perigo *clandestino*” e “depósito de combustível *ilegal*” são adjetivações que garantem a objetividade do jornal, pois os adjetivos usados não serão contestados, porque a ilicitude já é um fato; no *Meia Hora*, o uso de “Incêndio *sinistro*” amplia a dramatização e, conseqüentemente, o índice de patemização.

Ao longo da notícia do *O Globo* observamos, também já citado em tópico anterior, a qualificação “revelou um *absurdo*”, que aumenta a dramatização. Contudo, todas as outras qualificações feitas são mais objetivas e a maioria reforça a ideia principal de ilegalidade que a notícia traz, tais como: “grupos *clandestinos*”, empresa que é *ilegal*” e “licença *cassada*”. Isso também acontece nas qualificações feitas através da reprodução do discurso direto dos entrevistados: “forma *irregular e clandestina*”, “licença *ilegal*” e “crime *federal*”.

No jornal *Meia Hora*, apesar de também conter qualificações objetivas, as notícias apresentam algumas qualificações que intensificam os índices de patemização, responsáveis por causar medo no leitor, enfatizando a tragédia: “vizinhos *assustados*”, “momentos *de agonia*” e “100 residências *interditadas*”.

4.5. A emoção e a narração

Muitos são os efeitos patêmicos que podem surgir dos enunciados narrativos, já que neles podem ser percebidas determinadas tensões que produzirão manifestações dos leitores a partir do julgamento das ações narradas.

No jornal *O Globo*, as ações do actante, presentes no subtítulo “Explosão em depósito de combustível ilegal em Caxias mata um e *ferre sete*”, pode levar o leitor à indignação, assim como outras ações que podem ser identificadas ao longo da notícia: “Um incêndio de grandes proporções deixou na quinta-feira sete pessoas feridas e provocou a morte de Gelson da Silva Ferreira”, “Pelo menos sete tanques de combustível da

Petrogold foram consumidos pelas chamas,” e “Embora não *tenha* licença ambiental do estado, a Transportadora Petrogold *tem* autorização da Agência Nacional de Petróleo (ANP)”.

No *Meia Hora*, podemos observar que as ações dos actantes tem uma carga dramática maior, explicitando ainda mais os efeitos patêmicos pretendidos, como verificamos nos seguintes enunciados: “Vizinhos *fugiram* às pressas”, “O estudante Bruno Vitor de Souza, de 17 anos, *relatou* os momentos de agonia dos moradores” e “Vizinhos de distribuidora *tiveram que deixar* suas residências às pressas”.

5. *Considerações finais*

A análise das notícias nos permitiu identificar o potencial patêmico existente nos textos dos dois jornais. Contudo, cada um deles, na tentativa de alcançar os efeitos patêmicos visados para tocar o seu público-alvo, utiliza diferentes estratégias discursivas que são capazes de provocar diversas emoções.

Percebemos que o jornal *O Globo*, desejando ter credibilidade junto ao seu interlocutor, constrói seu texto para que este se sinta indignado como cidadão ao perceber as falhas existentes na Justiça brasileira, trazendo à tona a tópica da legalidade, o que é reforçado pela presença dos discursos relatados de autoridades. Na notícia fez isso através da denúncia de que existem muitos depósitos de combustíveis clandestinos no Rio de Janeiro, aproximando o seu discurso do “popular”, escrevendo para o grande público.

O jornal *Meia Hora*, desejando atingir seu interlocutor, enfatiza o lado dos mais sofridos, das vítimas. A notícia focaliza os desabrigados, deixando o incêndio como um fato secundário. Assim, o jornal aproxima seu discurso do “populista”, garantindo a fidelização do leitor, ao ressaltar a tópica da crise social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012a.

_____. *Linguagem e discurso: modos de organização*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012b.

_____. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lúcia (Orgs.). *As emoções no discurso*. 1. ed. Campinas: Mercado das Letras, 2010, vol. 2, p. 23-56.

_____. Pathos e discurso político. In: MACHADO, Ida Lucia; MENEZES, William; MENDES, Emília. (Orgs.). *As emoções no discurso*. 1. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, vol. 1, p. 240-251.

_____. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: GAVAZZI, Sigrid; PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino (Orgs.). *Da língua ao discurso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 11-29.

_____. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In. MARI, H. et al. *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso – FALE/UFMG, 2001, p. 23-37.

_____. Análise do discurso: controvérsias e perspectivas. In: MARI, H. (Org.). *Fundamentos e dimensões da análise do discurso*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1999.

_____. Para uma nova análise do discurso. In: CARNEIRO, Agostinho Dias (Org.). *O discurso da mídia*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996, p. 5-43.

EMEDIATO, W. As emoções da notícia. In: MACHADO, Ida Lucia; MENEZES, William; MENDES, Emília. (Orgs.). *As emoções no discurso*. 1. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, vol. 1, p. 290-308.

ANEXOS

NOTÍCIA (24/05/2013)

O Globo, Rio

ÀS MARGENS DA LEI

PERIGO CLANDESTINO

Explosão em depósito de combustível ilegal em Caxias mata um e fere sete

Levantamento preliminar feito pelas autoridades ambientais do estado, logo depois da explosão no depósito da transportadora Petrogold na quinta-feira, revelou um absurdo: numa área de pouco mais de 20 quilômetros quadrados, apenas no município de Duque de Caxias, na vizinhança da Reduc, podem existir entre 20 e 30 depósitos de combustível irregulares em operação, numa região que deveria ser exclusiva para residências. São locais usados por grupos clandestinos de distribuição de gasolina e álcool adulterados que abas-

tecem postos na Região Metropolitana. Um incêndio de grandes proporções deixou na quinta-feira sete pessoas feridas e provocou a morte de Gelson da Silva Ferreira, de 43 anos, funcionário da Petrogold, empresa que, segundo a Secretaria estadual do Ambiente, é ilegal.

– Como os depósitos operam de forma irregular e clandestina, não temos como precisar quantos são, mas sabemos que são muitos – afirmou José Maurício Padrone, titular da Coordenadoria Integrada Contra Crimes

Pelo menos sete tanques de combustível da Petrogold – que tem capacidade para armazenar dois milhões de litros – foram consumidos pelas chamas, que chegaram a 50 metros e também atingiram casas próximas do depósito. Como a região é majoritariamente residencial, a população de uma extensa área teve que ser evacuada. Bombeiros do Grupamento Operacional com Produtos Perigosos e de outros quatro quartéis foram acionados, por volta das 10h55m, e ajudaram na retirada dos moradores. Os bombeiros tiveram grande dificuldade de combater o fogo. No fim da noite, quase 12 horas após a explosão, ainda havia focos de incêndio.

Prefeitura de Caxias deu licença

A licença ambiental para o funcionamento da Petrogold, localizada na Rua Geraldo Rocha, número 298, no bairro Jardim Primavera – onde há casas e até uma escola –, foi cassada em 2007 pelo INEA (Instituto Estadual do Ambiente). Depois da cassação, a transportadora entrou com um pedido para obter uma nova licença. Apenas dois anos depois, em 2009, a Petrogold conseguiu uma licença municipal de funcionamento, concedida pela prefeitura de Caxias. Porém, de acordo com o secretário estadual do Ambiente, Carlos Minc, o município não tem autorização para legitimar o funcionamento de empresas de armazenamento de combustíveis.

– Essa empresa atuava fora do padrão de segurança, e o risco era maior, justamente por funcionar em área residencial – afirmou Minc.

O prefeito de Duque de Caxias, Alexandre Cardoso (PSB), que assumiu o cargo no início deste ano, reconhece que o município não tinha competência para dar a licença:

– Se deu, é uma licença ilegal. E mais: se haviam cassado a licença em 2007, por que não fiscalizaram depois? A Polícia Federal deveria ter fechado a empresa.

Cardoso diz não saber, entretanto, quem da prefeitura teria autorizado o funcionamento da Petrogold em 2009. Ele disse acreditar que a empresa, provavelmente, obteve uma liminar judicial.

– Assumi o mandato em janeiro, não sei quem assinou. Parece que foi um juiz. Mas vou abrir um inquérito para saber quem concedeu a licença. Essa pessoa tem que responder criminalmente pelo que fez – afirmou o prefeito. – Trata-se de um crime federal, além de ambiental. Todo mundo precisa agir em conjunto. Existe uma máfia de combustíveis nessa região. Para se ter uma ideia, não existe concurso para fiscal em Caxias.

Embora não tenha licença ambiental do estado, a Transportadora Petrogold tem autorização da Agência Nacional de Petróleo (ANP). De acordo com a ANP, o Estado do Rio possui apenas 13 empresas de combustíveis líquidos autorizadas, incluindo a Petrogold, sendo dez delas em Caxias. Mas o município informou que, segundo o plano diretor, o local onde funcionava o depósito que pegou fogo não poderia ter galpões de combustíveis.

A Polícia Federal divulgou, na tarde de ontem, nota sobre uma operação de fiscalização realizada na Petrogold, no ano passado, em conjunto com a Secretaria estadual do Ambiente, o INEA e a Delegacia de Proteção ao Meio Ambiente. De acordo com a PF, na ocasião, não foram constatados crimes de competência federal, e o resultado da investigação foi encaminhado à Justiça estadual.

Segundo a PF, foi instaurado, em julho do ano passado, um inquérito para apurar crimes ambientais por parte da Petrogold, com base na Lei 9.605/1998. Mas o órgão explicou que os autos foram encaminhados, no mês seguinte, para o Ministério Público Federal em São João de Meriti, com pedido de remessa à Justiça estadual. O procedimento está registrado na Delegacia de Meio Ambiente da Polícia Civil sob o número 007/2013.

De acordo com o coronel Padrone, na operação em 2012, cerca de 500 mil litros de combustível foram apreendidos, dois caminhões lacrados e uma pessoa presa. Segundo ele, foi descoberto álcool anidro (substância composta por etanol e até 1% de água), utilizado para adulterar combustível. O advogado da Petrogold, Fabio Calil, garantiu que a empresa está dentro da lei e possui toda a certificação necessária.

Meia Hora

CEM CASAS SÃO INTERDITADAS EM CAXIAS

INCÊNDIO SINISTRO MATA UM E DEIXA OITO FERIDOS

Vizinhos de distribuidora de combustíveis tiveram que deixar suas residências às pressas

Uma pessoa morreu e oito ficaram feridas no incêndio de grandes proporções que atingiu, ontem de manhã, seis tanques de combustível no depósito da distribuidora Petrogold, em Vila Maria Helena, bairro de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. Segundo o secretário do Ambiente, Carlos Minc, a empresa não tinha licença estadual para funcionar e já havia sido multada em R\$ 210 mil, há um ano, por crime ambiental.

O fogo começou por volta das 11h e se espalhou por todo o quarteirão. Em segundos, as labaredas atingiram 30 metros de altura e o calor nas ruas próximas chegou a 600 graus. Vizinhos fugiram às pressas, assustados com a sequência de explosões nos tanques. O estudante Bruno Vitor de Souza, de 17 anos, relatou os momentos de agonia dos morado-

res. "Só vi bombeiros correndo e gritando 'sai, sai, que vai explodir tudo!'", contou ele.

Ao meio-dia, as chamas podiam ser vistas a quilômetros de distância. O sistema antichamas da distribuidora não funcionou, dificultando o trabalho dos bombeiros de cinco quartéis que foram para o local. A saída foi resfriar as casas próximas e retirar os moradores. Por questão de segurança, cerca de 100 residências foram interditadas ao longo de seis quarteirões. O fogo foi controlado às 15h30, mas até o fim da noite ainda não havia sido totalmente debelado. Às 22h, mais de dez horas após o início do incêndio, as chamas e a fumaça ainda podiam ser vistas de longe.